

Maria Velho da Costa

DA ROSA FIXA

prefácio de
Jorge Fernandes da Silveira

ASSÍRIO & ALVIM

62.

Da abolição da literatura. Resguardada no sono e na saciedade literalmente, a rapariga muito ágil toca-me a polpa dos dedos. O que emanavam foi-lhe o mais amável. Aceito a sacração de soberania que ela me faz no meu lugar. Curvo-me, qual Fisa ou Fisalina. Preservo face a um mar de metal, macho, a grande agitação de Mick sob a música, a mudez ou a máscara de Diadorim animada de uma meiguice possível. Haverá que dar sinal a Margarida e a Desdémona que não foi cometido qualquer crime.

63.

Da compaixão que não seja exercício de poderes resulta apenas a edulcorada morte fresca, entre linhos. Os olhos da ovelha na sua placidez desviada confirmam que nunca é cedo para o pousio da consciência trémula, olheiro claudicante onde soçobra o nardo, o excesso.

64.

Nada há que designar-vos dos artificios do lugar do júbilo. Os que aguardam sentido registam com a serenidade possível granitos erodidos, a calcinação do mosaico policromo, a descontínua aragem, acre. Toda a pétala cede à emissão de raios. Astutamente o bojo encoberto se enfuna para a esventração dissipada, a hirsutez e diáspora até mil hastes mais. Só o globo estelar morre de vez, numa lentidão inexorável.